

Vida e Obra de Dias Gomes

Alfredo Dias Gomes nasceu em Salvador, Bahia, em 19/10/1922, lá tendo passado a infância, tendo se mudado aos treze anos para o Rio de Janeiro, onde viveu quase a vida toda, e morreu em São Paulo, Capital, em 18/05/1999, aos 77 anos de idade. Foi casado, em primeiras núpcias, com Janete Clair, considerada por muitos como a rainha da telenovela brasileira, tendo escrito folhetins eletrônicos de grande sucesso nos anos 1960/70. Em 1984, um ano após o falecimento de Janete Clair, Dias Gomes casa com a atriz Bernadete Lys, com a qual viveu até a morte.

A biografia de Dias Gomes é bem conhecida, não tendo nós a pretensão de escrever mais uma versão da sua vida, nem é este o escopo deste trabalho. O que nos interessa muito de perto é a paixão que Dias Gomes tem pelo seu ofício, o de escrever, subordinando tudo a essa vocação que toma mesmo como um sacerdócio. A vida de Dias Gomes foi a escrita, que amou acima de tudo, inclusive de sua tão propagada opção pelo comunismo, ele que sempre foi visto como um subversivo. Dias Gomes viveu no período das maiores trevas políticas da história brasileira, tanto na época do Estado Novo de Getúlio Vargas dos anos 1930 como na da ditadura militar, a denominada Revolução de 1964, que se instaurou com a deposição de João Goulart em 1964, e foi até 1985, com a eleição de José Sarney, sem jamais ter deixado de escrever. Sua vocação declarada era o teatro, tendo produzido vinte peças para o palco durante a vida. Impossibilitado de ser encenado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão da censura varguista, sobreviveu trabalhando no rádio, onde jamais deixou de escrever peças que eram apresentadas radiofonicamente.

Dias Gomes foi um intelectual sério, que estudava com afinco cada tema sobre o qual escreveria, não aceitando ter tido influências expressas. Entretanto, sempre honesto, Dias Gomes admite ter se espelhado inicialmente em Joracy Camargo, autor teatral de muito público dos anos 1930/40, que escreveu entre outras a peça *Deus lhe pague*, na qual nosso autor se baseou para elaborar a sátira *Pé-de-cabra*.

Na breve luz das liberdades democráticas que brilhou no Brasil do suicídio de Vargas até a deposição de João Goulart (1954-1964), Gomes voltou seus esforços para o teatro, quando produziu a genial *O Pagador de Promessas*, traduzida e encenada nos mais dispares países como Estados Unidos, Rússia, Cuba e Portugal e ganhador dos mais importantes prêmios na sua versão cinematográfica, dirigida por Anselmo Duarte.

Se o golpe militar de marco de 1964 apagou as luzes da liberdade, o Ato Institucional número 5, o famigerado AI-5, em 1968, apagou qualquer possibilidade de se escrever para o teatro, só restando ao escritor ir para a televisão ou o exílio em outro país. O exílio foi sempre rejeitado categoricamente por Dias Gomes, inclusive na sua autobiografia, sem que ele tivesse verbalizado o principal motivo: no exílio ele ficaria distante da língua natal, o que lhe seria pior do que a morte, escritor em tempo integral que era. Dias Gomes foi para a televisão e nela fez seus textos brilharem, tendo escrito pelo menos duas obras primas, *O Bem Amado e Roque Santeiro*, que não se repetiriam no veículo que após a morte de Dias Gomes. Dias Gomes soube causar um estranhamento no receptor ao usar a linguagem popular na televisão, coisa ainda rara na época.

Na citada autobiografia, *Apenas um Subversivo*, Dias Gomes confessa ter sido mau aluno, gazeteiro, rebelde, só vindo a se salvar por sua maior paixão, o teatro, que adquirira bem cedo, pois aos quinze anos já escrevera sua primeira peça, *A Comédia dos Moralistas*. Gomes vai definir a paixão pelo teatro como “mal crônico, congênito e incurável” (GOMES, 1998, 24). Pedimos vênica para discordar do nosso próprio autor: sua maior paixão foi o texto e não somente o teatral. Dias Gomes foi acima de tudo um escritor. Seja qual for o veículo, teatro, rádio, livro ou televisão, Dias Gomes foi sempre e acima de tudo, um escritor. Paradoxalmente não brilhou no romance, tendo escrito três com pouca receptividade. Então, vamos melhorar nossa assertiva: Dias Gomes foi um escritor em que a palavra escrita correu paralela à imagem, o que o tornou ideal para a televisão. Dias Gomes soube usar a imagem, o movimento, a tecnologia como importantes instrumentos de apoio para o seu texto, que era o fundamental.

Deleuze afirma que “não há literatura sem fabulação” (DELEUZE: 1997, 13); que, “embora remeta sempre a agentes singulares, a literatura é agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE: 1997, 15) ; e ainda que “literatura é delírio”. Dias Gomes soube de forma poética levar para *Roque*

Santeiro o modo de vida, a fala e o jeito de pensar do Brasil rural, arcaico, interiorano, que mesmo depois de tanta urbanização e metropolização, continua representando metade da população brasileira, e até então, solenemente ignorado pela televisão brasileira. Gomes soube expressar essa enunciação coletiva através dos personagens singulares e ao mesmo tempo universais de *Asa Branca*; soube immortalizar os arquétipos do interior do Brasil, como o santo milagreiro, o herói de mentira, o coronel, a viúva enfeitada, a dona do bordel, o prefeito capacho, a virgem histórica, a beata mal-amada, o lobisomem, o delegado submisso, o capanga fiel e matador; soube contar a fábula do sertão baiano com o humor inerente à alma brasileira. Se não inventou um povo como sugere Deleuze, levou para a televisão a voz do seu povo sofrido do interior do Brasil, e de sua singularidade o fez universal.

A sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 11 de abril de 1991, foi um dos momentos em que o talento foi reconhecido pela venerável instituição fundada por Machado de Assis.

A produção de Dias Gomes foi extensa e diversificada durante mais de meio século de escritura.

Assim, temos as seguintes obras para televisão: TELENOVELAS: 1) *A Ponte dos Suspiros*, 1969, sob o pseudônimo de Stela Calderón; 2) *Verão Vermelho*, 1969/1970; 3) *Assim na Terra Como no Céu*, 1970/1971; 4) *Bandeira 2*, 1971/1972; 5) *O Bem Amado*, 1973; 6) *O Espigão*, 1974; 7) *Saramandaia*, 1976; 8) *Sinal de Alerta*, 1978/1979; 9) *Roque Santeiro*, 1985/1986; 10) *Mandala*, 1987; e 11) *Araponga*, com Ferreira Gullar e Lauro César Muniz 1990/1991. MINISSÉRIES: *Um tiro no coração*, em co-autoria com Ferreira Gullar, inédita (1982); *O pagador de promessas* (1988); *Noivas de Copacabana* (1993); *Decadência* (1994); *O fim do mundo* (1996). SERIADOS: *O bem-amado* (1979/1984); *Expresso Brasil* (1987). ESPECIAIS (TELEPEÇAS): *O bem-amado*, em adaptação de Benjamin Cattán, TV Tupi, "TV de Vanguarda" (1964); *Um grito no escuro (O crime do silêncio)*, TV Globo, "Caso Especial" (1971); *O santo inquérito*, em adaptação de Antonio Mercado, TV Globo, "Aplauso" (1979); *O boi santo*, TV Globo (1988); *A longa noite de Emiliano*, inédita, TV Globo.

Dias Gomes, que se declarava um dramaturgo, produziu as seguintes peças: *A comédia dos moralistas* (1939); *Esperidião*, inédita (1938); *Ludovico*, inédita (1940); *Amanhã será outro dia* (1941); *Pé-de-cabra* (1942); *João Cambão*

(1942); *O homem que não era seu* (1942); *Sinhazinha* (1943); *Zeca Diabo* (1943); *Eu acuso o céu* (1943); *Um pobre gênio* (1943); *Toque de recolher* (revista), em parceria com José Wanderlei (1943); *Doutor Ninguém* (1943); *Beco sem saída* (1944); *O existencialismo* (1944); *A dança das horas* (inédita), adaptação do romance *Quando é amanhã* (1949); *O bom ladrão*, inédita, (1951); *Os cinco fugitivos do Juízo Final* (1954); *O pagador de promessas* (1959); *A invasão* (1960); *A revolução dos beatos* (1961); *O bem-amado* (1962); *O berço do herói* (1963); *O santo inquérito* (1966); *O túnel* (1968); *Vargas (Dr. Getúlio, sua vida e sua glória)*, em parceria com Ferreira Gullar (1968); *Amor em campo minado (Vamos soltar os demônios)* (1969); *As primícias* (1977); *Phallus*, inédita (1978); *O rei de Ramos* (1978); *Campeões do mundo* (1979); *Olho no olho*, inédita (1986); *Meu reino*

Dias Gomes também escreveu romances e contos, porém sem o mesmo brilho alcançado no teatro e televisão. Os seus romances são os seguintes: *Duas sombras apenas* (1945); *Um amor e sete pecados* (1946); *A dama da noite* (1947); *Quando é amanhã* (1948); *Sucupira, ame-a ou deixe-a* (1982); *Odorico na cabeça* (1983); *Derrocada* (1994); *Decadência* (1995). Os contos publicados foram: *A tarefa ou Onde estás, Castro Alves?* in *Livro de cabeceira do homem*, ano I, v. III (Civilização Brasileira, 1967); *A tortuosa e longa noite de Emiliano Posada*, inédito.

Dias Gomes também foi autor de roteiros de cinema, sempre baseado em suas próprias peças teatrais: *O pagador de promessas*, direção de Anselmo Duarte, Leonardo Vilar, Glória Menezes, Dionísio Azevedo, Geraldo Del Rey, Norma Benguell, Othon Bastos e Antonio Pitanga (1962); *O marginal* (roteiro), direção de Carlos Manga, com Tarcísio Meira e Darlene Glória (1974); *O rei do Rio* (adaptação de *O rei de Ramos*), direção de Bruno Barreto, com Nuno Leal Maia, Milton Gonçalves e Nelson Xavier (1985); *Amor em campo minado*, direção de Pastor Vera, Cuba (1988).